

## **Futebol, emoção e sociabilidade: narrativas de fundadores e lideranças dos movimentos populares de torcedores no Rio de Janeiro.**

Rosana da Câmara Teixeira \*

Universidade Federal Fluminense

**Resumo:** Nesse texto pretende-se refletir sobre o surgimento dos movimentos populares de torcedores no Rio de Janeiro, observado, especialmente, a partir de fevereiro de 2006. Inspirados nas “barras bravas” sul-americanas, especialmente naquelas vindas da Argentina, revelam discordâncias em relação ao tipo de ação das torcidas organizadas, defendendo uma forma de sociabilidade torcedora distinta que parece indicar novos sentidos atribuídos à paixão pelo futebol. Os novos agrupamentos torcedores definem-se como movimentos de arquibancada, sem rixas, que pretendem inaugurar um “novo conceito de torcida”. Esse estudo tem como objetivos discutir características desse tipo de sociabilidade, e sentidos atribuídos ao futebol, assim como, o impacto da criação de tais associações, no sistema de relações entre as torcidas, e destas, com os clubes. Essas análises preliminares têm como fundamentos metodológicos, relatos orais de fundadores e lideranças dos movimentos, a partir de uma perspectiva antropológica.

**Palavras-chave:** Futebol; Movimentos populares de torcedores; Sociabilidade e violência; Oralidade.

**Abstract:** This paper pretends to reflect on the emergence of popular movements football fans in Rio de Janeiro, observed, especially from February 2006. Inspired by the "barras bravas" South American, especially those from Argentina, reveal disagreements over the type of action of organized supporters, advocating a form of sociability seems to indicate new meanings attributed to the passion for football. This study aims to discuss characteristics of this type of sociability, and meanings attributed to football, as well as the impact of the creation of such associations, the system of relations between the fans, and these, with the clubs. These preliminary analyzes have as methodological foundations, oral histories of founders and leaders of movements, from an anthropological perspective.

**Keyword:** Football; Supporters; Sociability and violence; Orality.

### **Introdução**

Nesse texto gostaria de levantar algumas questões relativas à pesquisa que estou realizando sobre o surgimento dos movimentos populares de torcedores no Rio de Janeiro<sup>1</sup>, observado, especialmente, a partir de fevereiro de 2006.

---

\* Doutora em Antropologia pelo PPGSA/UFRJ. Profa. Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Pesquisadora do Laboratório de Educação e Patrimônio Cultural (FEUFF)

Pretende-se refletir sobre as características desse tipo de sociabilidade e o impacto que seu surgimento produz no universo das torcidas organizadas, especialmente das Torcidas Jovens, levando a resignificações e redefinições a respeito do papel das torcidas no cenário futebolístico.

Nesse sentido, as torcidas organizadas e os movimentos populares configuram dois estilos de ser torcedor, que remetem à temática das emoções, explicitando sentidos diferenciados à paixão futebolística e ao conflito. As distintas formas de adesão à experiência torcedora propiciam a formulação de identidades individuais e coletivas e redes de sociabilidade que revelam que o significado das emoções varia dentro do universo torcedor produzindo consequências e ações do ponto de vista da sua manifestação.

Segundo Bromberger (1995) uma sociedade diz muito à respeito de si mesma através de suas paixões coletivas. Longe de escamotear o essencial, elas o explicitam, ao destacar as linhas de força que atravessam o campo social, assim como as contradições presentes em nossa época, colocando em evidência, ao modo de um drama caricatural, o horizonte simbólico das sociedades modernas. Certamente, os esportes são poderosos reveladores do modo pelo qual as sociedades toleram e geram expressões de violência e emoções coletivas. Bromberger (1998) confere destaque ao futebol que, por sua popularidade se oferece como um acontecimento exemplar que condensa e teatraliza à maneira de uma ficção lúdica e dramática, os valores de nossas sociedades. Isto significa entendê-lo, também, como lugar de aprendizado de sentimentos e práticas já que ritualiza a solidariedade e o conflito, a união e a separação, a alegria e a tristeza. Entende-se com isso, que não se nasce torcedor, torna-se um, condição que possibilita experimentar tais sentimentos.

A partir do que foi exposto, pergunta-se: que tipo de excitação está em jogo na relação torcedor/clubes de futebol? De acordo com Elias (1992, p.18) as atividades de lazer<sup>2</sup>- uma dimensão importante das sociedades modernas - orientam-se para o prazer tornando-se, assim, um campo de análise que requer teorização e investigação.

Desse modo, se a excitação é bastante reprimida na ocupação daquilo que se encara habitualmente como atividades sérias da vida, as ocupações de lazer fornecem um quadro imaginário que se destina, exatamente, a autorizar o excitamento, ao representar de alguma forma, o que tem origem em muitas situações da vida real, embora sem seus perigos e riscos. Isto se deve ao fato de que a excitação e a emoção presentes nas atividades de lazer são limitadas por restrições civilizadoras. Todavia, como compreender quando a excitação supõe o risco?

Se em parte do senso comum ocidental prevalece a convicção de que os sentimentos têm uma natureza universal, para a Antropologia trata-se de representações culturais de uma sociedade cujos significados são histórica e socialmente produzidos. De acordo com Marcel Mauss (1979), os sentimentos são categorias sociais que variam de acordo com a grade classificatória de cada cultura, por isso são expressões coletivas que o indivíduo aprende a experimentar, do contrário, seriam sempre iguais em sua manifestação. Assim considerando, o modo de expressar esse sentimento é, também, a forma de experimentá-lo, que só se torna possível porque faz parte do repertório cultural do grupo.

Quando se propõe compreender os sentidos atribuídos à paixão pelo futebol e às manifestações torcedoras significa dizer, portanto que estão sendo pensados como produto de um conjunto de representações e relações sociais, em que noções como risco e segurança, (auto) controle, descontrole são fundamentais.

Para Geertz (1991), esta interpretação só é possível porque os significados são

intersubjetivos, portanto, compartilhados e públicos. Nesse sentido, parece fundamental considerar as diferentes formas utilizadas pelos torcedores para manifestarem sua afetividade e, em certos casos, devoção. Importa apreender ainda, a dimensão ritualizada de suas ações, ou seja, certas formas de falar, de se dirigir, de se apresentar, de dar visibilidade à paixão pela torcida e pelo clube de futebol. Por outro lado, parte-se do pressuposto de que tais experiências manifestam ações educacionais, muitas vezes não intencionadas, mas sempre carregadas de valores, envolvendo transmissão de certos saberes, linguagem, e tradições culturais. Para Maria da Glória Gohn (2006), a educação informal atua no campo das emoções e sentimentos. Trata-se de um processo em que os conhecimentos são repassados a partir das práticas e experiências anteriores, ou seja, “o passado orienta o presente”.

Ao pesquisar o surgimento dos movimentos no Rio de Janeiro, procura-se discutir possíveis mudanças e continuidades nas manifestações torcedoras, indagando que características distinguem os movimentos populares do padrão de torcer das organizadas. Qual a concepção sobre o torcedor e seu papel na torcida? Que relações mantêm com as organizadas? Em que medida o surgimento desses movimentos provocou um reposicionamento das torcidas jovens cariocas?

Essas análises preliminares têm como fundamentos metodológicos, relatos orais de fundadores e lideranças dos movimentos, a partir de uma perspectiva antropológica. É importante assinalar que a memória como fenômeno social está sujeita a flutuações e mudanças. Por isso mesmo, torna-se fundamental estar atento, na análise dos depoimentos dos torcedores, aos marcos, aos pontos invariantes e aos acontecimentos vividos pessoalmente ou “por tabela”, que insistem em destacar no processo de elaboração da identidade individual e coletiva. (POLLAK, 1992). O sentimento de identidade refere-se a

imagem que a pessoa adquire ao longo da vida a respeito de si própria, imagem que constrói e apresenta, para acreditar na sua própria representação. O autor observa ainda que na reconstrução de si, a memória é um elemento constituinte da identidade, possibilitando o sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou grupo. Desse modo, “o que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é resultado de um verdadeiro trabalho de organização”. (POLLAK, op.cit.p.204).

### **Torcidas Jovens: sociabilidade e risco**

Em minha dissertação de mestrado (TEIXEIRA, 1998) busquei ir além do julgamento moral presente na mídia que definia os torcedores organizados como: “perigosos”, “violentos”, “patológicos”, refletindo sobre representações e práticas que envolvem o cotidiano de um grupo de torcedores das torcidas jovens cariocas, procurando compreender os significados atribuídos à paixão pelo futebol e pela torcida, assim como o papel do conflito na elaboração de sua identidade. A Torcida Jovem do Flamengo, a Torcida Jovem do Botafogo, a Força Jovem do Vasco e a Young Flu surgiram entre o final dos anos 1960 e o início dos anos 1970 encontrando-se entre as mais importantes de seus clubes seja em número de participantes, seja pela visibilidade obtida junto à mídia. A partir dessa pesquisa nas Jovens foi possível observar que a argumentação dos torcedores se construía, em grande parte, em torno de duas ideias centrais, a paixão e o perigo, que apontam para duas esferas complementares: a do consenso referida às regras, compromissos e práticas rituais que assumem; e a do dissenso que diz respeito ao modo como pensam e vivenciam suas rivalidades.

A torcida propicia uma espécie de educação sentimental (GEERTZ, 1973) que envolve a festa, a alegria e o prazer, mas também a raiva e o desejo de vingança sendo a questão da honra/masculinidade central nos discursos. Desse modo, observou-se que para os torcedores entrevistados, a torcida tornou-se mais importante que o próprio clube, sendo definida como irmandade e família. A paixão traduzida na linguagem torcedora como dedicação, doação, sacrifício, articula-se à disposição para a luta, compreendida como obrigação moral do integrante frente ao agrupamento.

O perigo, representado pelo confronto físico cujos resultados não podem ser previstos, permite caracterizar essa sociabilidade como uma experiência de risco, em que o conflito, não sendo espontâneo, está sujeito a um campo de possibilidades explicitado pelas relações de amizade/inimizade que constituem. Segundo Le Breton o risco é uma noção socialmente construída, eminentemente variável de um lugar para outro e de uma época para outra. A exposição deliberada ao risco não revela uma disposição natural ou permanente do indivíduo, “contém uma parte mais ou menos lúcida de vontade, de confiança em si, que a distingue da cegueira pura e simples ou de uma firme vontade de morrer” (2009:133).

A paixão vivida na linguagem do perigo revela o lado subterrâneo e imprevisível dessa experiência torcedora. Alguns afirmam que enfrentar a morte, perder amigos, ferir-se fisicamente são experiências que conferem poder frente aqueles que não viveram estas provas. Superar desafios fortalece. Isto revela a existência de um *ethos* de virilidade entre estes indivíduos que assim convertem tais experiências em algo emblemático, motivo de orgulho e vaidade reafirmando a fidelidade ao grupo (TEIXEIRA, op.cit.).

Para o indivíduo, a percepção do risco provem de um imaginário, não de uma falta de reflexão ou de uma pretensa irracionalidade, mas de uma representação social (...). A representação do risco não é uma fantasia do sujeito, mas sua

medida pessoal do perigo. Não há erro ou ilusão, mas busca de uma significação própria". (LE BRETON, op.cit.p.17)

### **Movimentos populares de torcedores: que novidade é essa<sup>3</sup>?**

Em 2010 retomei meus estudos sobre as torcidas organizadas desafiada pelo surgimento dos movimentos populares de torcedores. Inspirados nas “barras bravas”<sup>4</sup> sul-americanas, especialmente naquelas vindas da Argentina, tem início no Rio Grande do Sul, com destaque para a Geral do Grêmio, criada em 2001 (RODRIGUES, 2012) se disseminando por outros estados brasileiros. No Rio de Janeiro, o fenômeno se desencadeia especialmente a partir de fevereiro de 2006, com a criação do movimento “Loucos pelo Botafogo”, seguido da Urubuzada, Guerreiros do Almirante e Legião Tricolor. Chama atenção inicialmente, nos relatos dos integrantes o desejo de distinguir-se do modo de torcer das organizadas, manifestando o objetivo de inaugurar outra sociabilidade em relação ao futebol, em que a paixão aparece sob o idioma da loucura, devoção e não do perigo, em uma clara demonstração de evitação e distanciamento do estigma de “torcedor violento” por elas representado.

Então, a nossa ideologia é muito forte, que é torcer pelo Botafogo sem brigas, apoiar o time de forma incondicional fazendo festa (Loucos pelo Botafogo).

Saí em 2006, eu e mais alguns da Raça. E a gente, conversa daqui, conversa de lá, surgiu a ideia de... vamos fazer um movimento, uma nova torcida, algo que a gente tente resgatar aquela festa na arquibancada, trazer a mulher, o idoso, a criança, as famílias. E aí a gente resolveu fundar a Urubuzada.

Definindo-se como “movimentos de arquibancada”, “sem rixas”, pretendem fundar um “novo conceito de torcida”. Uma espécie de mito de origem se desenha nas falas dos torcedores entrevistados: resultado da reunião de amigos, alguns inclusive ex-integrantes de torcidas organizadas, identificam entre seus objetivos: unir a massa torcedora (sem

subdivisões), incentivar o time (“cantar é obrigatório, não importa o placar”; “paixão é participação”), a valorização do torcedor como “patrimônio” (cuja integridade física deve ser preservada) e o “fazer festa”, traduzida no incentivo incondicional através dos cânticos, na afirmação da identidade clubística, em detrimento da paixão pela torcida, recusando segmentações, além do repúdio à violência. (TEIXEIRA, 2010).

A gente não é violento, então a gente é contra a violência e não vai apoiar atos de violência. (...) A gente não quer absolutamente nada do Fluminense, a gente vive pelo Fluminense. Nosso objetivo é torcer pelo Fluminense, então eu não quero nada do Fluminense. (Legião Tricolor).

A ideologia é a não violência, não vai procurar nada. (Urubuzada).

A vocação da torcida é o apoio incondicional ao clube, que se expressa no estádio através do incentivo agitando bandeiras e entoando cânticos, permanecendo de pé, durante todo o jogo, independente do placar. Os cânticos expressam de modo exemplar esta concepção assim como as faixas, e as barras, enquanto que, para as organizadas, a provocação, a rivalidade entre torcidas e a incitação ao confronto são elementos recorrentes. Aparentemente espontâneos, os cânticos estão submetidos a regras e técnicas, sendo cuidadosamente criados e obrigatoriamente exigidos. Expressão obrigatória desse novo modelo de torcedor, cantar o tempo inteiro exige dedicação e disciplina.

Vale destacar que se por um lado, os movimentos populares no Brasil sofrem a influência do modelo de torcer sul-americano, é necessário, por outro, investigar as apropriações feitas e os novos sentidos atribuídos, ou seja, deslocados de seu contexto original, a ressignificação de valores e práticas permite criar algo diferente, original. Como em um processo de bricolagem (LÉVI-STRAUSS, 1976) os movimentos, a partir de certos elementos conhecidos, constroem algo novo, reinventam a partir de certo repertório. Se a experiência das barras bravas argentinas é fundamental nesse processo, não se pode



negligenciar a influência de elementos do universo das torcidas organizadas, inclusive porque alguns dos integrantes fundadores, já pertenceram a essas associações.

Urubuzada tem faixa, tem bandeira. Mas tem muita coisa também ligada às barras, porque a gente levava, até hoje leva faixa vertical, bandeiras grandes e pequenas de mão. É uma mistura, porque a gente também queria as bandeiras grandes. No início as bandeiras não tinham o nome Urubuzada, depois fomos fazendo uma ou outra. Temos muitas do Flamengo, muitas da Urubuzada ou mesclando. As músicas, nenhuma, nenhuma cita a Urubuzada, nada entendeu. Então tem uma certa influência. Tem outras coisas diferentes que são ligadas mais as torcidas organizadas brasileiras. Por que uma mescla? Tem coisas boas nas duas, então vamos juntar tudo que for bom, que a gente acha que vai ser bom pro Flamengo. (Urubuzada).

A barra brava é o que nos inspira, e a barra brava é igual a apoio incondicional. São as torcidas da América do Sul, só no Brasil que a gente tem esse nome torcida, na América do Sul são barras bravas, na Europa tem os Ultras, é diferenciada a coisa, entendeu? Aqui no Rio a barra brava tem essa ideologia de apoiar o time, com a camisa do clube, cantar o tempo inteiro, em pé o tempo inteiro, faça chuva, faça sol, o time perdendo de três a zero, quatro, cinco. Vou te contar o que é a barra brava. A barra brava na América do sul são movimentos até mais violentos que as torcidas organizadas, porque lá eles controlam até o tráfico de drogas, todos esses movimentos têm um lado ruim e um lado bom. A gente só pegou o lado bom, que é apoiar o time como eles fazem. Então, a barra brava vem de briga, só que brava na verdade não existe, essa definição tem muito que ser revista e mudada porque de brava a gente não tem nada, são pessoas do bem, todos estudam, trabalham, tem parentes, famílias, a gente vai pro estádio única e exclusivamente pra torcer. Então, não chega a ser uma barra brava” (Loucos pelo Botafogo).

Tem que ter um certo cuidado quando se diz isso porque tem uma clara inspiração, no sentido de apoiar o time 90 minutos, que a barra brava é muito mais do que isso. Isso que eu acho interessante. Porque aproxima, mas é diferente também. Barra brava já é como se fosse a formação de um exército, eles cantam o jogo inteiro mas tem muita droga envolvida, eles tem influência nos clubes que as torcidas organizadas do Brasil não tem. Eles estão na política do país, então é um negócio muito mais complexo do que as torcidas organizadas do Brasil. Então, é uma inspiração na barra brava. O movimento popular Legião Tricolor não tem o intuito de ser um organismo político dentro do clube. (...) Muitos no começo acharam que fossem um bando de malucos, inclusive com o passar do tempo começaram a chamar a gente de argentinos. Então, foi assim que surgiu a Legião Tricolor. Acho que é isso. (Legião Tricolor).

Ao contrário do que se pode imaginar à primeira vista, torcidas organizadas e movimentos populares não configuram grupos radicalmente distintos, identidades claramente demarcadas e antagônicas. A pesquisa vem revelando a existência de trânsitos, fluxos e hibridismos. Muitos ex-torcedores organizados participam do processo de formação dos movimentos, e assim práticas vão sendo incorporadas, rejeitadas, experiências anteriores servem de referências na sua constituição. Nos depoimentos desses torcedores, o período de 2001 a 2005 é marcado pelo desencanto, decepção com o próprio agrupamento, a percepção de uma crise traduzida pela sensação de esgotamento em relação ao modelo representado pelas torcidas organizadas.

Eu comecei a perceber que o negócio tava degradingolando tanto em termos de violência quanto em termos de aparelhamento das torcidas por parte de dirigentes e de políticos. Então não era meu caminho. (Guerreiros do Almirante).

Por isso mesmo, a ideologia, categoria central nas narrativas, cuja ênfase recai no fazer a festa, no repúdio à violência e na valorização da identidade clubística (em detrimento da torcida), indica por outro lado, o ideal e o desafio de se manterem independentes do clube, atuando mais livremente, criticando vícios e relações que consideram caracterizar as organizadas. Para aqueles que sempre rejeitaram o padrão das organizadas, os movimentos representam a possibilidade de viver coletivamente a experiência torcedora sem perigos e riscos.

Se por um lado, as subdivisões que acirram as lutas de poder no interior das torcidas e a dependência do clube são alvo de críticas dos movimentos, a ideia de que é necessário profissionalizar, legalizar, se faz presente em vários depoimentos demonstrando que alguns dilemas vem se desenhando na ação dos novos agrupamentos:

Minha grande briga dentro da Guerreiros é que a gente seja menos amador, que mantenha o amadorismo no sentido de não viver daquilo, mas se tornar mais profissional para gerir a coisa toda porque se a gente conseguir se organizar, a gente estará num outro patamar, sem ter que abrir mão das nossas ideais”. (Guerreiros do Almirante).

Então, funciona como uma empresa, esses movimentos não. Apesar de que eu tenho uma visão de que é paixão, é hobby, mas o nível que se quer atingir tem que ser profissional. E pra ser profissional você tem que organizar, não significa que você tem que ser uma torcida organizada. Mas você tem que organizar. (Loucos pelo Botafogo).

A Urubuzada configura o primeiro caso no Rio de Janeiro de transformação de um movimento em torcida, com a legalização do agrupamento, cadastramento dos associados e captação de recursos com a cobrança de mensalidade, entre outros.

Até porque o policiamento já tinha pedido a autorização pra entrar no estádio. Ah, vai exigir um regulamento da torcida, um estatuto, e a gente começou a se preparar pra isso. Tivemos a ideia na virada do ano de 2006 pra 2007, fazer o cadastramento das pessoas, saber quem é quem e recolher, ter um controle sobre as mensalidades, pois só com essas mensalidades a gente conseguia recurso pra fazer a festa na arquibancada. (Urubuzada).

É interessante notar que tanto as jovens quanto os movimentos populares revelam o papel central da cultura material na produção das identidades (as bandeiras, bandeirões, a bateria, a camisa). Os objetos tem papel ativo, no caso dos movimentos, os trapos contam a história (do clube, dos ídolos), dão recados, apoio. Produzem e desencadeiam experiências corporais e psicológicas; definem atribuições e obrigações. Falam de poder, honra e perigo. Além disso, tais estilos torcedores criados e propagados a partir das arquibancadas revelam a dimensão do aprendizado cultural que envolve esses processos identitários implicando engajamento, dedicação, disciplina.

A bandeira das torcidas, aquela bandeira mostra que a torcida é sua. Você considera que a torcida é sua, assim como o clube é seu. A gente se apropria muito das coisas que envolvem a nossa paixão, então isso aí eu

vou organizar com o pessoal das barras pra gente mostrar que aquilo ali é um carnaval feito na arquibancada e que tem que profissionalizar. (Loucos pelo Botafogo).

Para DaMatta (1982:39), em sua visão, além de esporte, o futebol no Brasil constitui uma “verdadeira máquina de socializar pessoas”, “um sistema altamente complexo de comunicação de valores”, rico em imagens e mensagens representativas. Em sua multivocalidade, o futebol pode ser vivido e entendido simultaneamente de diferentes pontos de vista: ele é esporte e ritual, negócio e espetáculo prestando-se, assim, a variadas dramatizações.

### **O cenário atual: dilemas e perspectivas**

O estudo sobre as torcidas revela sua dimensão socializadora, especialmente masculina, no aprendizado de sentimentos, práticas, técnicas corporais, que se dá tanto nas arquibancadas quanto na vivência grupal. As torcidas de futebol representam uma cultura torcedora cujos elementos centrais são cantos, danças, a utilização de bandeiras, bandeirões, coreografias e a defesa de valores como honra, dedicação e fidelidade. Contudo, a criação do Estatuto do Torcedor (Lei 10.671/03), o processo de modernização dos estádios, tendo em vista a Copa de 2014 no Brasil, e a criminalização das torcidas organizadas, vem afetando práticas culturais inventadas e consagradas nas arquibancadas que passam a simbolizar algo a ser superado, evidenciando uma outra concepção de ser torcedor, valorizado como espectador e não protagonista, que almeja o conforto e a segurança individual.

Para fazer frente ao cenário crítico que enfrentam com a intensificação dos confrontos entre torcedores organizados foi criada a Federação das Torcidas Organizadas

do Rio de Janeiro (FTORJ<sup>5</sup>) buscando estabelecer um canal de comunicação com as autoridades e definir ações coletivas, contando inclusive com a participação de alguns movimentos populares.

Em um cenário de incertezas, as identidades individuais e coletivas elaboradas no contexto do futebol, se veem impactadas, gerando ora a percepção de que um ciclo se encerra, levando à extinção dessas associações, ora a crença na capacidade de reação e negociação.

A torcida não vai acabar. Ela pode mudar de nome, e mesmo que tire as camisas, e tudo, aquele grupo vai se reunir, porque o torcedor vai pro estádio, vai pro jogo lá, vai ter quarenta e cinco mil pessoas. O meu medo... e não é um medo, é um receio que eu tenho, é que lá em Brasília os senhores de terno e gravata julguem uma lei que acabe com as torcidas. Aí o cara não conhece a história, não sabe o que é isso (Loucos pelo Botafogo)

Eu acho que não acaba dessa forma... porque as pessoas ficam atreladas a ideia de Maracanã. A partir do momento que o Maracanã se tornar inviável para o próprio clube, o clube tem que tomar uma outra decisão. Nem que seja construir outro estádio. Então, a partir do momento que o Maracanã passar a ser um obstáculo à existência da própria torcida, o público que for inteligente pula fora do Maracanã. Eu faria isso. Clube sem torcida não dá! Não existe. Acabou, o clube morre. (Legião Tricolor).

A gente sabe que vai mudar, vai mudar muita coisa. Primeiro, porque o Maracanã e os estádios já vem passando por um processo de elitização. Vem elitizando, a gente sabe que principalmente com a copa do mundo muita coisa ta mudando e vai mudar até a copa , a gente sabe disso. O que vem acontecendo com as torcidas organizadas, a própria criação da FTORJ da qual a gente faz parte. A gente sabe, a gente tenta ajudar nesse sentido de defender os interesses das torcidas pra que não mude muita coisa, não perca esse brilho da festa. O estádio vai ser um estádio novo, o ingresso muito mais caro, lugares numerados, não sei se vão conseguir implementar isso. Hoje o espaço está cada vez menor, assim... se não se adequar, a tendência é não continuar. A política do governo federal em cima das torcidas, cadastramento, estatuto, punições, leis, então quem não se adequar, é difícil resistir. A tendência pro futuro é eles acabarem com a festa, elitizarem de vez, todo mundo sentadinho igual na Inglaterra. (Urubuzada).

Mas a gente vai deixar de ser movimento porque o Estatuto do Torcedor não nos permite, a gente vai ser tratado como bando e bando não entra com faixa, bando não entra com bandeira, bando não se organiza na arquibancada. (...) A gente vai deixar de ser completamente informal.

Vamos ser entendidos como torcida. Mas o modelo clássico de torcida organizada a gente não é. Não vamos brigar, não vamos viver do clube, não vamos vaiar durante o jogo (Guerreiros do Almirante).

Importante investigar na sequência, de que modo o crescimento desses novos agrupamentos, e a sua institucionalização, em virtude das próprias exigências do poder público e do Estatuto do Torcedor repercutirão sobre a concepção de torcer que defendem e sobre os sentidos atribuídos à paixão futebolística.

Assim, para compreender os significados envolvidos nas duas experiências torcedoras aqui analisadas, é necessário refletir sobre os veículos através dos quais estes modos de adesão ao futebol se manifestam e sobre os discursos elaborados. Na medida em que os discursos trazem a tona representações, é importante não perder de vista que a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros envolvendo, portanto, disputas e negociação.

## Notas

---

<sup>1</sup> O projeto de pesquisa “Futebol, emoção e sociabilidade juvenil: torcidas jovens e novos movimentos de torcedores no Rio de Janeiro” se desenvolve com a participação do aluno Luiz Arator Carvalho Vaz, através de bolsa de iniciação científica concedida pela FAPERJ.

<sup>2</sup> Para Elias (1992, p.110) as atividades de lazer são atividades de tempo livre que possuem este caráter “quer se tome parte nelas como ator ou como espectador, desde que não se participe como se participasse numa ocupação especializada através da qual se ganha a vida”. Segundo este autor, a polarização lazer/trabalho em sua forma tradicional é inadequada, pois sugere que todo tempo que não é despendido no trabalho, no sentido de uma ocupação de trabalho remunerado, ou seja, todo o tempo livre pode ser dedicado ao lazer.

<sup>3</sup> Agradeço aos torcedores que relataram suas experiências possibilitando essa reflexão preliminar.

<sup>4</sup> “Barra brava” é a categoria utilizada pelos integrantes dos movimentos populares/novas torcidas para se referir aos grupos sul-americanos que serviram de inspiração.

---

<sup>5</sup> Fundada em 2008, a Federação conta hoje com a adesão de nove associações: Botachopp, Fla Manguaça, Força-Flu, Força Jovem do Vasco, Fúria Jovem do Botafogo, Raça Rubro-Negra, Torcida Jovem do Flamengo, Urubuzada e Young-Flu.

### Referências Bibliográficas

BROMBERGER, Christian. 1995. *De quoi parlent les sports?* Terrain. Des Sports, n.25, septembre, p.5-12.

\_\_\_\_\_. 1998. *Football, la bagatelle la plus sérieuse du monde*. Paris, Bayard Éditions, p.7-57.

CURI, Martin, JUNIOR, Edmundo de Drummond Alves, MELO, Igor Alves de, ROJO, Luiz Fernando, FERREIRA, Melinda Aurora Terra, SILVA, Robson Campaneruti de. 2008. Observatório do torcedor: o Estatuto. *Rev.Bras.Cienc. Esporte*. Campinas, v.30, n.1, p.25-40.

DAMATTA, Roberto. 1982. *Esporte e Sociedade Um Ensaio sobre o Futebol Brasileiro*. In: DAMATTA, Roberto (org). *Universo do Futebol: esporte e sociedade*. RJ, Ed. Pinakotheke,

ELIAS, Nobert; DUNNING, Eric. 1992. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel.

GEERTZ, Clifford. 1973. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Zahar.

\_\_\_\_\_. 1991. *Negara. O Estado-teatro no século XIX*. Lisboa, Difel.

GOHN, Maria da Glória. 2006. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38.

LE BRETON, David. 2009. *Condutas de risco. Dos jogos de morte aos jogos de viver*. Ed. Autores Associados.

LEVI-STRAUSS, Claude. 1976. *O pensamento selvagem*. Ed.Papirus.

MAUSS, Marcel. 1979. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, R. (Org.). *Mauss*. São Paulo: Ática.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n°10, p.200-212.

---

RODRIGUES, Francisco Carvalho dos Santos. 2012. *Amizade, trago e alento*. A torcida Geral do Grêmio (2001-2011) da revolta à institucionalização: mudanças na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro. Dissertação de mestrado em História. PPGH, UFF. Niterói.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. 1998. *Os perigos da paixão: filosofia e prática das torcidas jovens cariocas*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, PPGSA/UFRJ.

\_\_\_\_\_. 2004. *Os perigos da paixão: Visitando jovens torcidas cariocas*. São Paulo, Ed. Annablume.

\_\_\_\_\_. 2010. Torcidas jovens e novos movimentos de torcedores no Rio de Janeiro: sentidos atribuídos à paixão futebolística e às manifestações torcedoras. Texto apresentado no I Simpósio de Estudos sobre Futebol. Museu do Futebol, USP e PUC-SP, 10-14 de maio.

#### **Dados sobre a autora**

Rosana da Câmara Teixeira. Doutora em Antropologia pelo PPGSA/UFRJ. Profa. Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Pesquisadora do Laboratório de Educação e Patrimônio Cultural (FEUFF). Autora dos livros: “Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas” (Ed. Annablume) e “Krig-há bandolo! Cuidado aí vem Raul Seixas”. (Ed. 7 Letras).